

O CONCÍLIO, ORÍGENES E A REENCARNAÇÃO

Vimos um artigo com igual título publicado no site do CACP, conforme link <http://www.cacp.org.br/espirtismo/artigo.aspx?lng=PT-BR&article=206&menu=5&submenu=1>, onde o autor, Prof. Paulo Cristiano, contesta, segundo ele, um pequeno opúsculo sob título "[Porque a reencarnação passou a ser condenada pela Igreja Católica](#)", de autoria de Vivaldo J. de Araujo. Neste artigo o referido professor contesta o opúsculo, abordando tanto o aspecto teológico, quanto o que está escrito no texto bíblico.

Esclarecemos, inicialmente, que, por não sermos teólogo e nem termos pretensões a tal, abordaremos a contestação do referido professor apenas tomando como base o que está escrito na Bíblia, ou seja, aquilo que os que se arvoram ao título de cristão, consideram como a "Palavra de Deus". Esclarecemos, ainda, que os tópicos de autoria do professor foram transcritos mediante as teclas Ctrl+C e Ctrl+V e estão entre bordas, enquanto os nossos comentários não.

Portanto, o leitor, fatalmente, encontrará lacunas após alguns tópicos, pois, como já dito, nos falta condição teórica para expender qualquer comentário a respeito deles, sob o enfoque teológico. Mas não os deixaremos de transcrever em respeito ao leitor, e ao próprio autor, para não deixar o texto capenga.

E o tópico a seguir é um deles.

"Teria o Concílio de Constantinopla em 553 D.C, suprimido a doutrina da reencarnação?"

Segundo um pequeno opúsculo que anda circulando pela Internet parece que sim. Sob o título: "Porque a Reencarnação passou a ser condenada pela Igreja Católica", o autor, Vivaldo J. de Araújo, afirma que o Concílio de Constantinopla – 553 D.C suprimiu a doutrina da reencarnação dos dogmas cristãos. Vejamos primeiramente as argumentações do autor e logo abaixo a refutação pormenorizada deste artigo.

Diz ele que, "Até meados do século VI, todo o Cristianismo aceitava a Reencarnação que a cultura religiosa oriental já proclamava, milênios antes da era cristã, como fato incontestável, norteador dos princípios da Justiça Divina, que sempre dá oportunidade ao homem para rever seus erros e recomeçar o trabalho de sua regeneração, em nova existência. Aconteceu, porém, que o segundo Concílio de Constantinopla, atual Istambul, na Turquia, em decisão política, para atender exigências do Império Bizantino, resolveu abolir tal convicção, cientificamente justificada, substituindo-a pela ressurreição, que contraria todos os princípios da ciência, pois admite a volta do ser, por ocasião de um suposto juízo final, no mesmo corpo já desintegrado em todos os seus elementos constitutivos.

É que Teodora, esposa do famoso Imperador Justiniano, escravocrata desumana e muito preconceituosa, temia retornar ao mundo, na pele de uma escrava negra e, por isso, desencadeou uma forte pressão sobre o papa da época, Virgílio, que subira ao poder através da criminosa intervenção do general Belisário, para quem os desejos de Teodora eram lei. E assim, o Concílio realizado em Constantinopla, no ano de 553 D.C, resolveu rejeitar todo o pensamento de Orígenes de Alexandria, um dos maiores Teólogos que a Humanidade tem conhecimento. As decisões do Concílio condenaram, inclusive, a reencarnação admitida pelo próprio Cristo, em várias passagens do Evangelho, sobretudo quando identificou em João

Batista o Espírito do profeta Elias, falecido séculos antes, e que deveria voltar como precursor do Messias (Mateus 11:14 e Malaquias 4:5). Agindo dessa maneira, como se fosse soberana em suas decisões, a assembléia dos bispos, reunidos no Segundo Concílio de Constantinopla, houve por bem afirmar que reencarnação não existe, tal como aconteceu na reunião dos vaga-lumes, conforme narração do ilustre filósofo e pensador cristão, Huberto Rohden, em seu livro "Alegorias", segundo a qual, os pirilampos aclamaram a seguinte sentença, ditada por seu Chefe D. Sapiêncio, em suntuoso trono dentro da mata, na calada da noite: " Não há nada mais luminoso que nossos faróis, por isso não passa de mentira essa história da existência do Sol, inventada pelos que pretendem diminuir o nosso valor fosforescente ".

E os vaga-lumes dizendo amém, amém, ao supremo chefe, continuaram a vagar nas trevas, com suas luzinhas mortiças e talvez pensando - "se havia a tal coisa chamada Sol, deve agora ter morrido". É o que deve ter acontecido com Teodora: ao invés de fazer sua reforma íntima e praticar o bem para merecer um melhor destino no futuro, preferiu continuar na ilusão de se poder fugir da verdade, só porque esta fora contestada pelos deuses do Olimpo, reunidos em majestoso conclave. “ (Vivaldo J. de Araújo é Professor e Procurador de Justiça do Estado de Goiás.)O-TEOLÓGICA DO ARTIGO CITADO ACIMA

Vamos aos nossos comentários.

Diz o professor:

Uma das doutrinas mais importantes dentro do Espiritismo kardecista é sem dúvida a reencarnação.

A título de conhecimento esta doutrina não é de origem ocidental foi emprestada das religiões orientais, principalmente hinduísta. É o mesmo que “palingenesia”, pluralidade de existências, vidas sucessivas, transmigração da alma. Também é um refinamento da “metempsicose”, que através de Allan Kardec, recebeu um colorido doutrinário ao gosto ocidental. Enquanto aquela permitia regressões na escala reencarnacionista, esta por sua vez no máximo permite o estagnatismo do indivíduo, mas nunca sua involução.

Aqui o articulista procura confundir o leitor dizendo que reencarnação é o mesmo que “palingenesia” e que é um refinamento da “metempsicose”. Apenas para que o leitor tire as suas conclusões a que ponto chega uma pessoa em obediência a um dogma, transcrevemos as acepções dessas duas palavras, obtidas no dicionário Houaiss:

“**palingenesia**

Acepções

■ substantivo feminino

1 retorno à vida; renascimento; regeneração

2 Rubrica: religião.

doutrina da transmigração das almas

3 Rubrica: religião.

batismo na fé cristã

4 Rubrica: filosofia.

no *estoicismo*, a repetição incessante do universo e de todos os seus fenômenos no interior de ciclos ou períodos cósmicos eternamente idênticos e recorrentes

Obs.: cf. *eterno retorno*

5 Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: filosofia.

no pensamento moderno, teoria filosófica, diversificada em muitos autores e matizes,

segundo a qual os seres vivos ou as civilizações morrem e renascem ciclicamente por meio da evolução biológica ou histórica

metempsicose

Acepções

■ substantivo feminino

1 Rubrica: religião.

movimento cíclico por meio do qual um mesmo espírito, após a morte do antigo corpo em que habitava, retorna à existência material, animando sucessivamente a estrutura física de vegetais, animais ou seres humanos; reencarnação

2 Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: filosofia, religião.

doutrina que professa esta crença, difundida pelo misticismo especulativo do *orfismo* e *pitagorismo*, e adotada por correntes filosóficas como o *empedoclistismo*, *platonismo* e *neoplatonismo* [Concepções semelhantes encontram-se em religiões orientais como o *budismo* ou o *hinduísmo*]"

Como o leitor poderá notar, palingenesia é apenas um arremedo de reencarnação, que só ocorre entre humanos, enquanto a metempsicose prevê a encarnação de humanos em animais, o que o Espiritismo não admite, como o próprio articulista reconhece. É só ver o que diz Kardec em "[O Evangelho Segundo o Espiritismo](#)", Capítulo IV nº 4, sob título RESSURREIÇÃO E REENCARNAÇÃO.

Entretanto, para que o leitor não fique só na base da referência ao texto, transcrevemo-lo:

"RESSURREIÇÃO E REENCARNAÇÃO

4. A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*.

Com efeito, a *ressurreição* dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra *ressurreição* podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias *reencarnado*, porém, não *ressuscitado*."

Vamos a outro tópico.

Como nosso mundo ocidental, está acostumado e doutrinado com os ensinamentos cristãos, é difícil empurrar doutrinas pagãs numa mentalidade cristã que à séculos vem sendo doutrinada pelos ensinamentos bíblicos. Allan Kardec percebendo essa dificuldade em popularizar tal doutrina de modo eficaz sem algum elo com a religião dominante ocidental, resolveu então inseri-la nos ensinamentos do Cristianismo para torná-la mais atraente aos olhos ocidentais.

Indagamos ao leitor: Como uma doutrina que pratica a caridade, baseada no princípio de amor ao próximo, ensinado por Jesus, pode ser considerada pagã? É só ver que toda e qualquer casa espírita, por mais simples que seja, possui uma atividade assistencial, seja material ou espiritual, independentemente do credo religioso a que seja filiado o necessitado, seguindo o exemplo da parábola do samaritano, proposta por Jesus para criticar os doutores da lei, narrada em Lucas 10,30-37; tudo isso sem cobrar um centavo sequer a título do

famigerado DÍZIMO que as igrejas ditas cristãs exigem dos seus fiéis em nome de Jesus, para divulgação do seu evangelho (será que para Ele ou para o respectivo dirigente religioso?); assim, perguntamos: será impróprio comparar os “doutores da lei” dos tempos de Jesus aos que hoje se arvoram em divulgadores do “evangelho” de um Je\$u\$ mercenário e não do Jesus verdadeiro, pregando em seu nome uma doutrina onde são substituídos os “esses” da palavra Jesus por cifrões, já que só objetivam os bens materiais? É só ver os grandes conglomerados econômico-religiosos constituídos e construídos na base de contribuições arrecadadas dos incautos, quer sob a forma de DÍZIMO, ou “doações” mensais (sempre em dinheiro, embora existam algumas que pedem até joias) em troca de produtos “divulgando” o evangelho de Je\$u\$; quer com outros nomes, tais como, “desafios”, “propósitos”... Estes últimos dirigidos àqueles gananciosos, partidários da “teologia da prosperidade”; como se vê, na atualidade há “ensinamento” de Je\$u\$ para todos os gostos; até para atender evangélicos não satisfeitos com sua atual denominação. É só ver o site do próprio CACP criticando outras religiões e até outras igrejas evangélicas... Será que só os “doutores da lei” do CACP são os detentores da verdade pregada por Jesus?!

Vamos a mais um; diz o professor:

Até hoje essa é a mesma tática de seitas orientais, elas tentam achar na Bíblia elos de ligações doutrinárias com seus ensinamentos, mesmo que para isso precise torcer a palavra de Deus. É o caso dos Hare Krishna , a Seicho-No-Iê, a Meditação Transcendental e outras.

Aqui, o articulista demonstra até aonde vai o dogmatismo, a ponto de não perceber quanto os ensinamentos de Jesus têm de alcance UNIVERSAL (não confundir com o nome de uma igreja dita evangélica). Veja o leitor, e o próprio articulista, que os ensinamentos de Jesus são tão universais que todas as religiões encontram guarida doutrinária neles. É só ver o que disse um não cristão chamado Gandhi: “Se se perdessem todos os livros sacros da humanidade, e só se salvasse o Sermão da Montanha, nada estaria perdido.”. E quem é o autor desse sermão?!

Quer mais?...

Diz, ainda, Gandhi: “As religiões são caminhos diferentes convergindo para o mesmo ponto. Que importância faz se seguimos por caminhos diferentes, desde que alcancemos o mesmo objetivo?”

E mais esta:

“Creio na verdade fundamental de todas as grandes religiões do mundo. Creio que são todas concedidas por Deus e creio que eram necessárias para os povos a quem essas religiões foram reveladas. E creio que se pudéssemos todos ler as escrituras das diferentes fés, sob o ponto de vista de seus respectivos seguidores, haveríamos de descobrir que, no fundo, foram todas a mesma coisa e sempre úteis umas às outras.”

Neste, diz o professor:

No livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo” Alan Kardec, tenta mesclar ensinamentos cristãos com a doutrina espírita. Chega a dizer que Jesus ensinava a doutrina da reencarnação e que esta fazia parte dos dogmas judaicos sob o nome de ressurreição. É claro que tal argumento não passa de especulações infundadas. É uma alegação totalmente gratuita, pois em nenhum lugar da Bíblia se encontra o termo reencarnação e nenhuma menção ainda que indireta dessa doutrina é feita nos evangelhos ou nas cartas apostólicas. Mesmo porque, ressurreição e reencarnação não só etimologicamente como doutrinariamente são completamente diferentes.

Aqui o professor, em defesa do seu ponto de vista, argumenta que o termo reencarnação não se encontra nem nos evangelhos nem nas cartas apostólicas, o que a impede de ser levada em consideração. Neste momento, seguindo essa sua colocação de que a reencarnação não existe, porque não está mencionada na “palavra de Deus”, pedimos permissão para dizer que, da mesma forma, os planetas e outros corpos celestes (cometas, por exemplo) também não existem porque eles não foram mencionados na criação dos corpos

celestes, descrita em Gn 1,16; no entanto, apesar disso, todos nós sabemos, inclusive o professor, que eles existem, porque assim a Ciência afirma, independente de constar ou não da Bíblia. Além disso, é bom que se frise, na época em que os livros bíblicos foram escritos a palavra “médium” não existia, embora ela, hoje, conste de algumas versões bíblicas, inclusive daquela adotada pelos seguimentos evangélicos (João Ferreira de Almeida), conforme se vê em 1 Sm 28,7, nas versões Revista e Atualizada (RA) e Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH), da SBB. Ainda com relação à afirmação de que uma coisa não existe, porque não consta na Bíblia, perguntamos: o que o professor nos diz da “santíssima” trindade, que também não está mencionada na “palavra” de Deus?...

Conforme já dito no início, não nos pronunciaremos sobre o texto abaixo, entre bordas, por envolver aspectos teológicos, conforme informamos no início.

Para dirimir este problema alguns espíritas então passaram a alegar que tal doutrina foi extirpada da religião cristã no Concílio de Constantinopla. Vejamos se tal acusação tem de fato fundamento:

É alegado pelo senhor Vivaldo J. de Araújo autor de um pequeno artigo espírita sobre o assunto que “Até meados do século VI, todo o Cristianismo aceitava a Reencarnação”

Cabe aqui uma pergunta oportuna: onde estão as provas para tal assertiva? Nenhuma citação de qualquer documento se quer é mencionado. Levando-se em conta que as provas materiais são os fundamentos das proposições, só isto bastaria para desacreditar este artigo. Elaborar pontos argumentativos em cima de especulações sem nenhum fundamento é temeroso, pois pode comprometer toda a base onde a tese se apóia. É bom saber que todos os historiadores gabaritados no assunto até hoje nunca mencionaram a reencarnação como parte do corpo doutrinário da igreja cristã. Até mesmo Kardec não chegou tão longe...

É dito ainda “que o segundo Concílio de Constantinopla, atual Istambul, na Turquia, em decisão política, para atender exigências do Império Bizantino, resolveu abolir tal convicção”

Ora, o que questões políticas, tem a ver com reencarnações? Não vejo no que a doutrina da reencarnação poderia ser o pivô de complôs políticos. Este arranjo simplesmente carece de fundamentos lógicos. Não procede!

Uma razão tênue é dada em seguida como justificativa “É que Teodora, esposa do famoso Imperador Justiniano, escravocrata desumana e muito preconceituosa, temia retornar ao mundo, na pele de uma escrava negra e, por isso, desencadeou uma forte pressão sobre o papa da época”

Considere por um instante o seguinte: é mesmo difícil de acreditar que meros preconceitos particulares da mulher do Imperador fosse capaz de mobilizar uma reforma política no império por causa da doutrina da reencarnação, que alegam – toda a cristandade acreditava até então. Ponderemos ainda por um momento: se a tal Teodora soubesse e acreditasse na suposta “doutrina cristã” da reencarnação sabendo que esta é uma lei irreversível e espiritual, posta mesmo pelo próprio Deus (como ensinam os espíritas), que diferença substancial iria ela fazer mudando a mentalidade da época, sendo que no final ela não teria controle sobre sua vida (carma), vindo mesmo a reencarnar numa escrava?! Adiantaria alguma coisa toda essa subversão a tal doutrina? Qual a vantagem prática que ela poderia tirar com uma simples mudança de crença, sendo que de um jeito ou de outro, mais cedo ou mais tarde ela poderia enfim reencarnar numa escrava?! Simplesmente toda essa estória não se encaixa de modo lógico e há uma forte razão para isso: ela é totalmente inverídica.

Prossegue nosso amigo espírita em suas explicações: “E assim, o Concílio realizado em Constantinopla, no ano de 553 D.C, resolveu rejeitar todo o pensamento de Orígenes de Alexandria, um dos maiores Teólogos que a

Humanidade tem conhecimento. As decisões do Concílio condenaram, inclusive, a reencarnação admitida pelo próprio Cristo, em várias passagens do Evangelho, sobretudo quando identificou em João Batista o Espírito do profeta Elias, falecido séculos antes, e que deveria voltar como precursor do Messias (Mateus 11:14 e Malaquias 4:5).”

É interessante ressaltar que em nenhum momento o Concílio se quer mencionou a doutrina da reencarnação como ensina o espiritismo moderno. Não há em nenhuma de suas atas menção a tal doutrina oriental, e isto pode ser verificado ainda hoje através de uma tradução latina (o original da época se perdeu devido a invasão de Constantinopla em 1453). Por séculos a fé de milhões de cristãos se baseava apenas na ressurreição e não na reencarnação. Todos os documentos antigos de escritores cristãos antes desse concílio mencionam como base de fé a ressurreição. Por outro lado, esses mesmos escritores não pouparam esforços em rechaçar fortemente a reencarnação, doutrina esta alheia à fé cristã, só mencionada em seitas heréticas provindas do paganismo egípcio, babilônico ou hindu.

Também tenhamos em mente que não só este Concílio, mas todos os demais antes ou depois deste (mesmo sendo presidido pelo catolicismo já apostatado) se quer mencionaram alguma condenação sobre a reencarnação, simplesmente porque ela nunca foi ponto de fé dos cristãos.

É mesmo difícil de acreditar que uma doutrina que supostamente fosse parte do credo cristão desde a época de Cristo, houvesse sido retirada assim tão bruscamente sem nenhuma contestação por parte dos demais. Ora, na época, Roma ainda não dominava o mundo, o primeiro bispo romano com a investidura de papa propriamente dita só veio a aparecer no cenário mundial no VI século com Gregório o Grande. Roma nunca impôs sua autoridade doutrinária em toda a cristandade. Se a doutrina da reencarnação fosse dogma cristão, esperaríamos encontrar registrados nos anais da história de vários protestos a respeito desta mudança. Mas o silêncio sobre isso é sepulcral e a razão é simples: nunca houve essa tal supressão doutrinária. Isso não passa de fantasia inventada para dar sentido à ausência desta doutrina nos dogmas cristãos, que, diga-se de passagem, não tem nada a ver com Cristo ou cristianismo, alardeado tantas vezes por Kardec sem nenhuma prova a seu favor.

É interessante a menção de Orígenes nesse episódio, e talvez toda a validade desta argumentação esposada pelos espíritas gira em torno de uma má compreensão da doutrina esposada por Orígenes.

Orígenes, ao contrário do que alegam muitos espíritas, não cria na reencarnação, mas na ressurreição. Certa vez combatendo algumas idéias heréticas chegou a condenar tal doutrina, dizendo que a Igreja de Deus nunca creu nisso. O que na verdade ele cria era num tipo de preexistência das almas (que muitos erroneamente confundem com reencarnação). Segundo ele toda pessoa já havia sido criada no céu como espírito e a terra funcionava como um tipo de provação às mesmas. A pessoa viria à terra de acordo com seu pecado em sua preexistência. Ela poderia receber a Cristo e ir para o céu novamente ou então rejeitá-lo e perder-se eternamente no inferno, mas em nenhum momento ele fala sobre as pessoas se reencarnar.

Orígenes na verdade chegou a refutar veementemente as idéias reencarnacionistas de um tal Basilídes que pretendeu basear-se para tal nas palavras de Paulo, “vivi outrora sem lei”. Chegou a chamar tal doutrina de fábulas ineptas e ímpias.

É digno de nota que esta doutrina foi elaborada por Orígenes como uma solução para o problema filosófico do mal, mas como não havia base bíblica para tal, foi sabiamente condenada neste Concílio. Não podemos ver aí nenhuma ligação com a doutrina kardecista da reencarnação, persistir nisso seria distorcer a realidade dos

fatos.

Há de se ressaltar ainda que este Concílio nunca condenou nenhuma passagem se quer dos Evangelhos. Nenhum espírita conseguiu provar isso até hoje, mesmo assim preferem permanecer na pertinácia em afirmar esta história mítica inventada com o fito de solucionar a suposta omissão da reencarnação na Bíblia e na história da Igreja. Sugiro aos espíritas que sejam mais criteriosos em suas apologias, além de não ser honesto, não é nada inteligente basear sua defesa em fatos que nunca existiram, pois poderão ser facilmente desmascarados.

Vamos, agora, passar a analisar as colocações feitas pelo professor, à luz dos textos bíblicos; diz ele:

João Batista foi a reencarnação de Elias? Sim, segundo Araújo, Jesus supostamente “identificou em João Batista o Espírito do profeta Elias, falecido séculos antes, e que deveria voltar como precursor do Messias (Mateus 11:14 e Malaquias 4:5).”

Aqui, o articulista usou o termo “supostamente”, pretendendo contestar a confrontação das duas passagens (Mateus 11:14 e Malaquias 4:5), sem transcrevê-las, para demonstrar o seu ponto de vista contra a reencarnação; para que o leitor não tenha trabalho de verificar os referidos textos e aceitar os respectivos argumentos na base do que cada um afirma, transcrevemos mencionadas passagens, seguindo a cronologia delas: MI 4: “5 Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do SENHOR;” e Mt 11: “13 Porque todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. 14 E, se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir. 15 Quem tem ouvidos *para ouvir*, ouça.”

Veja o leitor que Deus, pelas suas próprias palavras, contidas em Malaquias 4,5, diz que enviará o profeta Elias, e Jesus, em Mateus 11,13-15, afirma que João é Elias. Veja o leitor, ainda, que Deus menciona nominalmente o profeta Elias, e não um profeta qualquer, principalmente levando em consideração a “intimidade” de Elias com Deus, conforme afirma o próprio articulista em outro tópico, que será analisado mais adiante. Assim, a única conclusão a se chegar, pelo que está escrito nessas duas passagens, é a de que João é Elias reencarnado, sob pena de se entender que Deus nos teria enganado por ter prometido que enviaria o profeta Elias e nos teria mandado outro profeta, e que Jesus nos mentiu, por ter afirmado que João é Elias, enquanto os antirreencarnacionistas alegam que João não é Elias. E não nos venham com aquela de que “João não é Elias porque o próprio João disse que não era Elias”. Nesse caso, indagamos: quem está certo: Deus, Jesus ou João? Imagine quem afirma que João não é Elias, baseado apenas nas palavras do próprio João... Respondam o leitor e o professor, sem medo de cometerem uma heresia; perante Deus, e não perante o grupo religioso a que pertençam. Ou o dogma vai prevalecer sobre o que dizem Deus e Jesus?! Ainda a respeito da ligação João/Elias, pedimos a atenção do leitor, e também do professor, para o que está escrito em Mateus 11,12: “Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele.” Vejam que Jesus diz “desde os dias de João Batista até agora”. Ora, em virtude da preposição *desde*, nota-se que Jesus faz referência a João no passado, embora ambos tenham sido contemporâneos, o que demonstra que Jesus, ao se referir a João nessa passagem, está demonstrando que é em relação ao tempo em que João encarnou como Elias, fechando, assim, o elo João/Elias, conforme Mateus 11,14: “E, se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir.” Viram como assim tudo se encaixa?...

Em seguida, diz o articulista:

Esta tese elabora em gravíssimo erro por vários motivos, vejamos:

1. João Batista disse abertamente, sobre essa questão, quando lhe perguntaram: “És tu Elias?”, ele respondeu desembaraçadamente: “NÃO SOU” (conf. João 1:21). Parece que, se a reencarnação existe, João Batista foi um dos que nunca creu nela.

Pela resposta de João, acima citada, o leitor concluirá que a resposta de João foi a mais lógica possível, já que apenas Ihe foi perguntado se ele, João, era Elias. Daí o articulista tirar a conclusão de que João não acreditava na reencarnação, convenhamos, é fazer pouco caso da inteligência do leitor. Por que dizemos isso? Por uma simples razão: é sabido que os cristãos chamados de espíritas, e uma boa parcela de outros cristãos não fanatizados, acreditam na reencarnação. Suponhamos, agora, que se pergunte a alguma dessas pessoas se ela é reencarnação, vamos supor, do doutor Bezerra de Menezes. Essa pessoa, ainda que convicta da existência da reencarnação, fatalmente responderá que não. Assim, seguindo o raciocínio do articulista, pergunto: poder-se-á publicar em todos os meios de comunicação que essa pessoa não acredita em reencarnação? Da mesma forma, suponhamos que o Dalai-Lama pergunte ao Papa e a algum dos líderes atuais dos Evangélicos se, respectivamente, estes são reencarnação de Pedro e de Lutero e tanto o Papa quanto o líder evangélico, por serem delicados ou, cristã e ecumenicamente, por respeitarem a crença do Dalai-Lama, simplesmente respondam que não são nem Pedro nem Lutero reencarnados. Pergunto: é correto sair por aí informando a todos os meios de comunicação que o Papa e esse líder evangélico acreditam em reencarnação, simplesmente por que eles responderam que não são a reencarnação de Pedro nem de Lutero? Lógico que não! Da mesma forma, não há embasamento para uma afirmação do tipo desta, de que João não acreditava na reencarnação, somente porque Ihe perguntaram se ele era Elias e João respondeu que não!

Além disso, João não poderia saber se era ou não Elias, em virtude de faltar essa aptidão ao ser humano, pelo menos naquela época, conforme afirma Jesus no diálogo com Nicodemos, constante de JOÃO 3,8: - "O vento sopra onde quer, e ouves a sua voz; mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito". Logo, ele não poderia ter respondido de outra forma, visto que ele não poderia saber quem teria sido em vida anterior.

Nesse caso, em que devemos acreditar:

- 1) na resposta de João Batista, que não poderia saber quem fora em vida anterior, em função do estágio evolutivo do ser humano, repita-se, em conformidade com a afirmativa de Jesus, contida em João 3,8, acima transcrita;
- 2) no que Deus diz em Malaquias 4,5 e nas afirmações de JESUS contidas em João 3,8 e Mateus 11,13-15; ou
- 3) na opinião do articulista, contrariando o que Deus e Jesus dizem?

Agora, vejamos o que é dito em Mateus 11,2-6: "2 Ora, quando João no cárcere ouviu falar das obras do Cristo, mandou pelos seus discípulos perguntar-lhe: 3 És tu aquele que havia de vir, ou havemos de esperar outro? 4 Respondeu-lhes Jesus: Ide contar a João as coisas que ouvís e vedes: 5 os cegos veem, e os coxos andam; os leprosos são purificados, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho. 6 E bem-aventurado é aquele que não se escandalizar de mim."

Como podemos ver, se João, por ocasião da pergunta que Ihe fizeram, e que motivou a sua resposta a que se refere o articulista (João 1,21), já tivesse conhecimento dos fatos que Jesus Ihe mandou contar, certamente ele teria respondido que sim, posto que assim o informou Jesus, Aquele a respeito de quem João sabia que vinha anunciar. E fatalmente teria dito que era Elias, porque assim o dissera JESUS, Aquele sobre cuja vinda Elias (com o nome e corpo de João) recebera a incumbência de anunciar.

Nesse ponto, alguém poderá pensar que esse nosso argumento é falho, em função do diálogo de João com Jesus (Mateus 3,11-17), em que João afirma que ele é que deveria ser batizado por Jesus. Mas essa afirmação de João não caracteriza que ele sabia quem era Jesus; apenas que sabia que Ele era um espírito superior, filho de Deus, como todos nós; tanto assim, que, quando, posteriormente, no cárcere, toma conhecimento das obras de Jesus, manda-lhe mensageiros para saber quem Ele era, realmente. Logo, mesmo que se pretenda argumentar que João foi encarcerado bem depois do diálogo do batismo, lembro que este diálogo ocorreu um dia depois da resposta dada por João aos sacerdotes e levitas (João 1,19-21.29). Portanto, esse fato não pode servir de suporte ao argumento utilizado pelo articulista para justificar a sua afirmativa de que João não acreditava na reencarnação.

Continua o professor:

2. Quando Jesus fez esta comparação, eles tinham acabado de ver Elias e Moisés no monte da transfiguração.

Se Elias fosse João Batista reencarnado os espíritas entrariam em contradição com sua própria doutrina, veja:

João nesta altura já havia sido decapitado por Herodes, portanto estava morto. Ora, o próprio Kardec afirmou que “a reencarnação é a volta da alma à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ela e que nada tem de comum com o antigo”. Como então, João Batista, apareceu no velho corpo na transfiguração? Não teria ele que aparecer (de acordo com a doutrina espírita) com o atual, da última reencarnação, isto é, com o corpo de João e não de Elias?

Aqui, o articulista faz uma afirmação de que o espírito que se apresentou com Moisés a Jesus deveria vir com a aparência da última encarnação, portanto de João, e não com a de Elias; mas não cita a fonte de onde ele tirou essa dedução; entretanto, para que o leitor não fique sem a informação correta, vamos dá-la e transcrever o seu texto; é a questão 150 de “*O Livro dos Espíritos*” que tem o seguinte teor:

150. *A alma, após a morte, conserva a sua individualidade?*

Sim; jamais a perde. Que seria ela, se não a conservasse?

a) — *Como comprova a alma a sua individualidade, uma vez que não tem mais corpo material?*

“Continua a ter um fluido que lhe é próprio, haurido na atmosfera do seu planeta, e que guarda a aparência de sua última encarnação: seu perispírito.”

A fim de que o leitor não fique com uma informação pela metade, vamos transcrever o segundo parágrafo do nº 102 do Capítulo VI de “*O Livro dos Médiuns*”, que diz:

“Podendo tomar todas as aparências, o Espírito se apresenta sob a que melhor o faça reconhecível, se tal é o seu desejo. Assim, embora como Espírito nenhum defeito corpóreo tenha, ele se mostrará estropiado, coxo, corcunda, ferido, com cicatrizes, se isso for necessário à prova da sua identidade. Esopo, por exemplo, como Espírito, não é disforme; porém, se o evocarem como Esopo, ainda que muitas existências tenha tido depois da em que assim se chamou, ele aparecerá feio e corcunda, com os seus trajes tradicionais.”

Portanto, para nós, espíritas, essa colocação, desculpe-nos, não tem razão de ser, por demonstrar falta de conhecimento dos postulados espíritas, que os não reencarnacionistas insistem em combater a reencarnação sem conhecimento, ou por absoluta má-fé.

Continua ele:

Ainda, segundo a doutrina espírita, o tal espírito se reencarna para purgar suas faltas do passado para progredir até ser espírito puro. Diz Kardec: “Toda a falta cometida, todo o mal praticado é uma dívida contraída que deverá ser paga.” (O Céu e o Inferno, pág. 88) Certamente, Elias mesmo sendo um profeta de Deus, tendo intimidade com Ele, parece que não havia progredido muito, visto que passou novamente pelas mesmas “provas” (como João Batista) para “limpar” seu suposto “carma” do passado.

Aqui, os dizeres do articulista encaixam-se perfeitamente ao caso de Elias, pois este, apesar de ter intimidade com Deus, que o articulista afirma ter Elias, por ser um “profeta de Deus”, custa-me aceitar uma intimidade dessas, a não ser com o deus violento e vingativo do Velho Testamento (javé), pois uma pessoa não pode ser boa coisa, apesar de ser profeta, quando mata 450 pessoas (pagãs ou não) degolando-as, como fez Elias, pessoalmente, às margens do ribeiro Quison, conforme está descrito em 1Rs 18,40: “E Elias lhes disse: “Prendei os profetas de Baal; que nenhum deles escape!” e eles os prenderam. Elias fê-los descer para perto da torrente do Quison e lá os degolou”. (Bíblia de Jerusalém), infringindo, assim, o “não matarás”. Veja o leitor que, conforme está escrito (degolou), foi o próprio Elias quem fez o “serviço”; não enviou preposto. Agora, pode ser explicada a lei de causa e efeito ou de ação e reação, popularmente chamada lei do carma; ou seja, **matou degolando, morreu degolado**, não importando o grau de “intimidade” com Deus. Isso é que é justiça! Ou não? E até aí

estava em vigor a lei de Talião, vida por vida, olho por olho, dente por dente, porque ela vigorou até João, isto é, Elias pagou até o último ceitel, agora em outro corpo e com o nome João; não é muita “coincidência” ter vigorado até a vinda de Elias prometida por Deus em Malaquias 4,5 e confirmada por Jesus em Mateus 11,13-15?

Fala o professor:

A Bíblia diz categoricamente que “Está ordenado ao homem morrer uma só vez vindo depois disto o juízo” (Hebreus 9:27). Não existem várias mortes, mas uma só.

Essa passagem, ao contrário do que afirma o articulista, não nega a reencarnação, já que o espírito não morre. Assim, como o que morre é o corpo (e ele só morre uma vez, porque se decompõe, retornando aos elementos químicos básicos que o formaram), essa afirmação do articulista só seria válida se em Hb 9,27 estivesse escrito que só se nasce uma vez; aí, sim, a reencarnação estaria, nesse ponto, sem suporte bíblico, pois estaria claro que o espírito só viveria uma única vez, já que, nesse caso, como só poderia nascer uma vez, literalmente estaria impedido de nascer de novo, isto é, de ocupar novo corpo. Além disso, não entraria em conflito com a ressuscitação, isto é, volta do espírito ao respectivo corpo, o qual, ainda, não se encontrava decomposto. Não é lógico, professor?

Diz ele:

Demais disso, alguns judeus criam que João Batista fosse Elias ressuscitado, não reencarnado (Lucas 9:7,8).

Para aclarar o que deve ser entendido como ressuscitar na concepção dos hebreus, transcrevo o texto citado e utilizado para a justificativa acima, de que os judeus acreditavam que Elias havia ressuscitado e não reencarnado. Vejamos em Lucas 9,7-8: “7 Ora, o tetrarca Herodes soube de tudo o que se passava, e ficou muito perplexo, porque diziam uns: João ressuscitou dos mortos; 8 outros: Elias apareceu; e outros: Um dos antigos profetas se levantou”. Lendo somente os versículos 7 e 8 citados, tem-se a impressão de que realmente é a respeito de João o que ali está escrito. Entretanto, lendo-se o versículo seguinte, o de número 9, que diz: “9 Herodes, porém, disse: A João eu mandei degolar; quem é, pois, este a respeito de quem ouço tais coisas? E procurava vê-lo”, verifica-se que é a respeito de Jesus a narração de Lucas. Portanto, a dúvida dos hebreus não é se João é Elias, mas, sim, se Jesus é João ou é Elias. Não quero crer que o articulista tenha feito uma citação errônea (ou praticado uma omissão) intencionalmente, mas que, inadvertidamente, tenha lido apenas o texto, sem verificar o contexto, que tanto o fundador do CACP faz questão de divulgar que os espíritas não observam quando analisam a Bíblia.

Mesmo assim, vê-se que a palavra ressurreição, para os hebreus, tinha o mesmo significado que tem hoje a palavra reencarnação, neologismo divulgado por Kardec só em meados do século XIX. Tanto assim era entendido, que o próprio Herodes descartou que Jesus fosse João, pois disse que João fora degolado a mando dele, Herodes. E mais: Jesus não poderia ser João por terem eles sido contemporâneos e quando João morreu Jesus já (e ainda) vivia. Logo, ressurreição sempre teve o significado de reencarnação, pois o Evangelho fala que disseram que João ressuscitou dos mortos ou que Jesus era um dos antigos profetas que se levantou; e levantar, em relação aos antigos profetas, era sinônimo de ressuscitar e ressuscitar era retornar da morada dos mortos. Assim, como fica o a **Bíblia interpreta a própria Bíblia**, conforme afirma o fundador do CACP (http://www.cacp.org.br/joao_batista_era_elias.htm)?

Mais: como justificar cientificamente a ressurreição da carne após o corpo ter sido decomposto nos seus componentes químicos originais? E não nos venha com a hipótese de milagre, porque o corpo já não mais existe. Por que dizemos isso? Simplesmente porque na Bíblia não existe menção de nenhum milagre efetuado quando fisicamente algum membro ou órgão não existia. Vejam, o leitor e o professor, que todos os milagres só aconteceram com pessoas doentes ou que tinham deficiência física (cego, aleijado), mas com o órgão ou membro apenas defeituoso; mesmo aquele acontecido em relação à orelha do servo do sumo sacerdote (Lc 22,50-51), que poderia ser citado como falta do órgão. Entretanto, pela descrição do fato, a colocação da orelha, no seu respectivo lugar, deu-se imediatamente, como

hoje acontece nas hipóteses de replante, sem ser considerado milagre. E não se diga: Ah... Mas para a época foi. Aos olhos do leigo, sim; para Jesus não, porque quem participou da criação da Terra também participou da elaboração das leis físicas a ela aplicáveis e sabia como elas funcionam.

Como se vê, Elias retornou da morada dos mortos. Portanto, não vale a suposição de que Elias não morreu... Morreu, sim, porque ninguém deixa de morrer – vide ECLESIÁSTICO 14,17 (valendo, também, para o tópico abaixo). Além disso, se Jesus, que é Jesus, veio e morreu, por que outros, ainda que tenham vindo com a missão de profeta, tiveram o privilégio de não passar pela porta normal de retorno ao plano espiritual, que é a morte? Até por uma questão de lógica e, acima de tudo, de justiça, é de se entender que Deus não iria conceder privilégios a uns em detrimento de outros; principalmente em se tratando de seu filho unigênito, como uma grande parcela dos chamados cristãos considera Jesus. Ora, qual é o pai que, tendo um filho e, ainda, sendo único esse filho, dará tratamento melhor a outra pessoa em detrimento de seu filho? Se existir esse pai, na nossa concepção, e na de qualquer outro ser humano normal, esse pai não poderá ser considerado pai; mormente pelo princípio de justiça e por conhecer as qualidades do seu filho! E já que a Bíblia interpreta a própria Bíblia o articulista deveria ter lido: “Deus não faz acepção de pessoas” (At 10,34; 15,9; Rm 2,11; Gl 2,6; 3,8; Ef 6,9; Cl 3,25 e 1Pe 1,17).

E não se utilize o já famoso chavão de “mistérios de Deus”, porque basta de ser jogada, nos “mistérios de Deus”, a culpa pela falta de capacidade que alguns dirigentes e seguidores de determinados ramos do cristianismo têm em “arranjar” argumentos para justificar os sofismas utilizados contra determinadas verdades constantes dos textos da Bíblia; e a reencarnação não tem fugido dessa prática.

Diz mais:

2) Se a reencarnação é o ato ou efeito de reencarnar, pluralidade de existência com um só espírito, é evidente que um vivo não pode ser reencarnação de alguém que não morreu. Fica claro assim que João não era Elias já que Elias NÃO MORREU, como erroneamente quer fazer entender e com muita dificuldade nosso amigo espírito, tendo sido arrebatado vivo para Deus (conf. II Rs. 2:11).

Informo que, seguindo a orientação do presidente do CACP, de que “é preciso analisar o texto e o contexto” (http://www.cacp.org.br/joao_batista_era_elias.htm), continuei lendo na sequência do relatado no versículo 11 sobre o ocorrido com Elias e verifiquei, no versículo 16, do mesmo capítulo 2 de II Rs, que lá é dito: “...pode ser que o Espírito do Senhor o tenha arrebatado e lançado nalgum monte, ou nalgum vale.”

Logo, pelo texto e contexto, preceito esse que o articulista não usou aqui, o leitor verá que, à época em que aconteceram os fatos lá narrados, a palavra *arrebatamento* identificava um fenômeno em que a pessoa que era objeto dele sempre era levada para um local ermo (certamente para meditar e lá ficar até o final da sua vida na terra, final esse que, talvez, já devesse estar próximo). E Jesus também foi objeto de um “arrebatamento” (embora Ele tenha reaparecido porque ainda não havia chegado o seu tempo), conforme consta em Mateus 4,1 - “Então foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo Diabo.” Semelhantemente consta em Marcos 1,12-13. Portanto, os judeus criam que o *arrebatamento* sempre era efetuado por um espírito, tendo esse fato acontecido até com Jesus. Isso aconteceu para confirmar que o *arrebatamento* sempre foi para levar alguém a algum local ermo e (acrescento) imediatamente; ou será que, por ter ocorrido com Jesus, esse fenômeno não foi um “arrebatamento”? Se não foi um arrebatamento, por que Deus iria permitir a utilização desse fenômeno com duas finalidades diferentes: uma para levar ao céu e outra para levar a algum lugar aqui na terra? Ora, levar é transportar; o que muda é apenas o destino... Por outro lado, se “a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus” (1Cor 15,50), como explicar o corpo físico na dimensão espiritual?

Ainda quanto à morte: pelo que consta, Deus jamais criou alguma coisa inútil ou injusta, pois até seu filho unigênito não escapou dela. Assim, alegar que outros teriam dela escapado, como se pretende em relação a Elias, é querer trazer Deus ao baixo nível dos humanos; não é?! E não vale alegar, também, que são “mistérios de Deus” ou que “Ele tudo pode”...

Para confirmar que após algum tempo da morte o espírito retorna em outro corpo,

relembro LUCAS 9,7-8: "7 Ora, o tetrarca Herodes soube de tudo o que se passava, e ficou muito perplexo, porque diziam uns: João ressuscitou dos mortos; 8 outros: Elias apareceu; e outros: Um dos antigos profetas se levantou". Como se vê, repetimos, os hebreus sempre entenderam dessa maneira. Tanto que uns diziam: João ressuscitou dos mortos; outros que Jesus era um dos antigos profetas que se levantou; e levantar, em relação aos antigos profetas, era sinônimo de ressuscitar e ressuscitar era retornar da morada dos mortos. Logo, não vale essa de que Elias não morreu e que João não é Elias reencarnado, pois, repetindo-se mais uma vez, em Mateus 11,14-15 está dito: "14 E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir. 15 Quem tem ouvidos, ouça"! E quem somos nós, eu, o articulista, o leitor e todos os evangélicos e os não-evangélicos, para contestar a palavra de Deus?... Não é mesmo? Além disso, se Deus desejasse mostrar que a vinda de Elias tivesse o significado que o articulista entende que os hebreus davam à palavra ressuscitação não teria mandado ZACARIAS dar ao filho deste o nome de JOÃO, mas, sim, de Elias; não teria sido mais simples?! Entretanto, como Deus quis demonstrar que Elias realmente voltou, com o mesmo significado de sempre e que hoje tem o nome de reencarnação, mandou Zacarias dar ao filho dele, Zacarias, o nome de João, e não o de Elias. Tanto assim foi, que confirma esse fato através de Jesus, em Mateus 11,14-15, conforme transcrito linhas atrás. E foi muito fácil chegar a esse entendimento. Bastou-nos seguir o conselho do presidente do CACP de analisar o texto e o contexto relativos aos fatos aqui mencionados. E aqui também aplicamos o a Bíblia interpreta a própria Bíblia, porque nos foi suficiente utilizar o processo dedutivo direto de entendimento do que lá está escrito, isto é, João é Elias, porque Jesus diz que João é Elias, confirmando a promessa de Deus contida em Malaquias 4,5! Podemos duvidar de Jesus?

Continua ele:

Então porque Jesus disse que João era o Elias que havia de vir? Não precisamos recorrer à fantasiosa doutrina reencarnacionista para explicar esse ponto, deixemos que a Bíblia interprete a própria Bíblia.

Aqui vamos seguir a sugestão do articulista e deixar que a Bíblia interprete a própria Bíblia; preste a atenção o leitor ao que Deus diz em Malaquias 3,23 em algumas versões, e 4,5 em outras: "Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do SENHOR"; já em Mateus 11,13-15, Jesus diz: "13 Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João. 14 E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir. 15 Quem tem ouvidos para ouvir ouça." Como o leitor poderá notar, Deus não diz que vai mandar um profeta qualquer; ele diz que vai mandar Elias, aquele que o articulista afirma que tem intimidade com Deus; logo, Deus não iria mandar outro, ainda que viesse com a mesma função ou ministério de Elias - anunciar a vinda do Messias. Já, por sua vez, Jesus não iria dizer que João era Elias se João não o fosse; se Ele quisesse negar que João fosse Elias, teria dito mais ou menos assim: "João não é Elias, mas veio com a mesma missão deste" (ou algo parecido); inclusive para confirmar que Ele, Jesus, era o Messias que teria que ser anunciado, de acordo com as profecias. Caso assim não entendamos, será a mesma coisa que dizermos que Deus nos enganou, por ter prometido mandar o profeta Elias e ter-nos mandado outro, e que Jesus nos mentiu, por ter dito que João era o profeta Elias, enquanto João teria sido outro profeta. Agora, caro leitor, raciocinemos juntos: Podemos dizer que Deus nos enganou ao prometer enviar o profeta Elias e ter-nos enviado outro? Ou que Jesus nos teria mentido ao dizer que João seria Elias sem que o fosse? Diga quem quiser; eu, jamais!...

E mais:

João Batista iria adiante de Jesus no ESPIRITO E PODER de Elias e não que seria Elias reencarnado. (Lucas 1:17); Isto tem a ver com o ministério de ambos e não com reencarnação dos espíritos. Se seguirmos esta linha de pensamento, teremos de admitir que Elizeu e não João Batista era a reencarnação de Elias, pois diz a Bíblia que "Vendo-o, pois, os filhos dos profetas que estavam defronte dele em Jericó, disseram: O espírito de Elias repousa sobre Eliseu" (2 Reis 9:15). Mas um não poderia ser a reencarnação do outro, pois ambos viveram ao mesmo tempo. Quando vemos uma pessoa com as mesmas características de outra dizemos: este é um Pelé, um Picasso. Com isso não queremos dizer que um é a reencarnação do outro!

Neste tópico o articulista utiliza-se de um sofisma, já que está pretendendo empregar uma metáfora, esquecendo-se de que a metáfora só pode ser empregada em relação à qualidade, aptidão (utilidade) ou condição semelhante de um objeto ou pessoa com a qual se pretende comparar uma outra. Veja no exemplo dado pelo próprio articulista; ele menciona um Pelé, um Picasso, sempre com o artigo indefinido (um), ao invés do definido (o), já que o indefinido indica semelhança/aproximação, enquanto o definido indica igualdade/exatidão; e quando se a emprega em relação a uma pessoa ou coisa sempre é para estabelecer uma semelhança entre qualidade ou finalidade de um em relação à atividade ou aplicação do outro ou, ainda, em relação a época; veja o leitor que, quando se quer engrandecer um determinado profissional na sua área respectiva, diz-se que ele é, por exemplo, o Pelé da sua respectiva profissão ou, no caso de ser um jogador de futebol, o Pelé de uma determinada época. Não é o caso de João, pois Jesus apenas diz que ele é o Elias que havia de vir, conforme consta em algumas versões da Bíblia; conseqüentemente, para que a interpretação do articulista pudesse estar correta seria necessário que, pelo menos, Jesus tivesse dito que João era o Elias daquela época, ainda que com artigo definido; entretanto, a título de curiosidade, destacamos os textos do versículo 14 de Mateus 11, conforme consta das versões Revista e Atualizada (RA) e Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH), da SBB, respectivamente: “14 E, se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir.” e “14 E, se vocês querem crer na mensagem deles, João é Elias, que estava para vir.” Veja o leitor que em ambas as versões é dito “João é Elias”, sem qualquer artigo (definido ou indefinido), o que impede se avenge a hipótese de que João teve a mesma função ou ministério de Elias. Logo, por esses dois textos está claro que João é, realmente, Elias.

Analisemos, agora, o que o articulista aponta como semelhanças entre os dois, Elias e João. Esclarecemos que colocamos essas semelhanças lado a lado, apenas para permitir uma melhor visualização pelo leitor.

Diz ele:

Vejamos então as semelhanças entre o ministério de ambos os profetas:

ELIAS	JOÃO
Profetizou em tempos de apostasia	Profetizou em tempos de apostasia
Profetizou para aproximar o povo de Deus	Profetizou para aproximar o povo de Deus
Vestia-se com roupa de pele de ovelhas	Vestia-se com roupa de pele de ovelhas
Acabe (o rei) tinha medo de Elias	Herodes tinha medo de Elias
Jezabel pediu a vida de Elias	Herodias pediu a vida de João
Pregava sobre o arrependimento e castigo	Pregava sobre o arrependimento e castigo

Veja o leitor que o articulista toma como base o “ministério” para fazer uma comparação entre os dois personagens; já na nossa visão pessoal de espirita vemos sob outro ângulo, qual seja, o da lei de causa e efeito, isto é, lei do carma, conforme fala o articulista e como já dissemos acima, que Elias degolou 450 profetas de Baal no ribeiro Quison (1Rs 18,40) e que João morreu degolado, comprovando, assim, a aplicação da lei do carma, isto é, **matou degolando, morreu degolado**. Lembro ao leitor que no primeiro tópico por nós comentado, o articulista usa o neologismo “estagnatismo” para dizer que o espiritismo não aceita o indivíduo retroceder em sua escalada evolutiva, mas, apenas, parar a sua evolução temporariamente; e essa comparação feita pelo articulista demonstra, cabalmente, a afirmação dessa parada; é só o leitor prestar a atenção às semelhanças apontadas por ele, relativamente aos dois, para notar que o articulista está correto em seu entendimento; mas só até aí; a essas semelhanças junte o leitor a atitude tomada por Elias em relação aos profetas de Baal, matando todos à espada, conforme consta em 1Rs 19,1 (Acabe fez saber a Jezabel

tudo quanto Elias havia feito e como matara todos os profetas à espada), versão RA, da SBB, e compare com o tipo de morte que foi infligida a João: degola à espada. Agora, junte, também, as palavras contidas em Mateus 26,52 da versão RA da SBB (Então, Jesus lhe disse: Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada à espada perecerão.), ditas por Jesus a um daqueles que o acompanhavam.

Nesse caso, em virtude dessas semelhanças, independentemente do fato do que Jesus disse em Mateus 11,14 (E, se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir.), podemos concluir que João é Elias, sem medo de cometer uma heresia.

Ainda com relação a esse tópico pedimos a atenção do leitor para a “semelhança” indicada na quarta posição relativa à coluna de JOÃO, em que o articulista menciona que Herodes tinha medo de Elias, quando deveria ter indicado João, já que Herodes foi contemporâneo de João e não de Elias. Veja o leitor que ele ou cometeu um engano ou foi traído pelo seu subconsciente para nos permitir aventar a possibilidade de Herodes ter sido a reencarnação de Acabe e Herodias a de Jezabel, tendo cumprido sua vingança contra Elias somente quando este encarnou como João. Quem estuda a doutrina Espírita sabe muito bem ser plausível tal possibilidade.

Isto posto, rejeitamos essa tentativa de envolver o Concílio de Constantinopla numa doutrina que ele nunca tratou. A reencarnação nunca fez parte dos dogmas quer cristãos ou judaicos. É alheia ao corpo doutrinário judaico-cristão. É doutrina oriental refinada ao sabor ocidental. Não se baseia na Bíblia e nem de longe encontramos alguma menção mesmo que indireta a esta doutrina no livro sagrado ou na história da igreja. Somente pessoas obstinadas levadas por pressupostos errôneos e preconceituosos ainda persistem em acreditar poder encontrar vestígios dessa doutrina na Bíblia. Querer juntar doutrinas espíritas com doutrinas cristãs é querer unir o que Deus separou para sempre.

Embora no início tenhamos dito que não nos pronunciaríamos sobre as partes que se referissem ao Concílio de Constantinopla vamos nos pronunciar aqui, já que abordaremos apenas a parte em que o articulista fala sobre o aspecto dogmático da reencarnação.

Veja o leitor que o articulista fala apenas que “a reencarnação nunca fez parte dos dogmas quer cristãos ou judaicos.” É aqui que começamos a pedir a atenção do leitor, pois o articulista aborda o assunto falando em dogma, ao invés de considerá-lo sob o enfoque bíblico; ora, de acordo com o Dicionário Houaiss, dogma é:

dogma

Datação

a1710 cf. MBEst

Acepções

■ substantivo masculino

1 Rubrica: teologia.

ponto fundamental de uma doutrina religiosa, apresentado como certo e indiscutível, cuja verdade se espera que as pessoas aceitem sem questionar
Ex.: d. da santíssima trindade

2 Derivação: por extensão de sentido.

qualquer doutrina (filosófica, política etc.) de caráter indiscutível em função de supostamente ser uma verdade aceita por todos

3 Derivação: por extensão de sentido.

princípio estabelecido; opinião firmada; preceito, máxima

4 Derivação: por extensão de sentido.

opinião sustentada em fundamentos irracionais e propagada por métodos que tb. o são

Ex.: rebelar-se contra os d. do pai significava surra na certa

5 Rubrica: teologia.

nas religiões, esp. entre cristãos, doutrina a que é atribuída uma autoridade acima de qualquer opinião ou dúvida particular que possa ter um crente

6 Rubrica: teologia.

o conjunto dos dogmas

Ex.: o d. católico

7 Rubrica: teologia.

entre protestantes, na hermenêutica bíblica, ordenança ou decreto que designa a doutrina revelada por Deus

Ex.: o d. dos apóstolos, mencionado em Atos dos Apóstolos 16:4

8 Rubrica: história.

originalmente, na Grécia, decisão política de um soberano ou de uma assembléia

Aqui ele não levou em consideração as passagens bíblicas para demonstrar a não existência da reencarnação; baseou-se, apenas, no que ele diz ser dogma cristão, sem mostrar qual a passagem bíblica que foi levada em consideração para o estabelecimento desse dogma. Apenas disse que reencarnação não existe; e pronto! Ora, se ele não aceita o que a Bíblia diz nas passagens contidas em Malaquias 4,5, e em Mateus 11,13-15, em que, respectivamente, Deus diz que vai mandar Elias, e Jesus afirma que João é Elias, gostaríamos muito que ele nos informasse em que texto bíblico foi baseada a fixação do referido dogma; claro, que excluído Hebreus 9,27, em relação ao qual já dissemos que este versículo só se aplicaria se lá estivesse dito que “só se nasce uma vez”, já que a reencarnação, nesse ponto, estaria sem suporte bíblico, pois estaria claro que o espírito só viveria uma única vez, porque, por via de consequência, só poderia nascer uma única vez, considerando-se que o que morre é o corpo, o que implicaria em o espírito só poder ocupar corpo uma única vez, em virtude deste se decompor nos elementos químicos que o formaram, para ser ocupado pelo espírito.

Quanto à afirmação do professor de que “Somente pessoas obstinadas levadas por pressupostos errôneos e preconceituosos ainda persistem em acreditar poder encontrar vestígios dessa doutrina na Bíblia.”, concordamos com ela em seu conteúdo intrínseco, apenas invertendo os destinatários, ficando assim: “Somente pessoas obstinadas, levadas por pressupostos errôneos e preconceituosos, baseados em dogmas irracionais (porque não sustentados em fatos concretos), podem persistir no engano de não aceitar as evidências claras sobre a reencarnação, sustentadas por textos bíblicos (Mt 11,13-15 e outros)”, conforme demonstramos ao longo deste texto.

E a evidência mais clara da existência da reencarnação na Bíblia, entendemos, está em Mt 17,10-13, em que, narrando a descida do monte da transfiguração, consta: “10. Em seguida, os discípulos o interrogaram: Por que dizem os escribas que Elias deve voltar primeiro? 11. Jesus respondeu-lhes: Elias, de fato, deve voltar e restabelecer todas as coisas. 12. Mas eu vos digo que Elias já veio, mas não o conheceram; antes, fizeram com ele quanto quiseram. Do mesmo modo farão sofrer o Filho do Homem. 13. Os discípulos compreenderam, então, que ele lhes falava de João Batista.” Veja, caro leitor, que os discípulos (pelo menos Pedro, Tiago e João) tinham pleno conhecimento da reencarnação, como se vê da pergunta que eles fizeram a Jesus e do fato de terem compreendido que Jesus lhes falava de João Batista. Veja, ainda, que o entendimento dos apóstolos não decorre de um processo interpretativo, mas, apenas, de uma dedução direta, decorrente da pergunta deles e da resposta dada por Jesus. Será que, ainda, vai restar alguma dúvida de que João é Elias?...

Finalmente, citamos a passagem contida em João 16,12, que diz: “Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora;”, o que corrobora o nosso entendimento de que o momento é chegado para aqueles que já alcançaram um determinado grau de discernimento para aceitar a mensagem de Jesus sob novos enfoques, como a reencarnação, ainda que “desobedecendo” dogmas impostos conforme o sentido da acepção “4” do dicionário, transcrita acima.

Era o que nos cabia comentar, pedindo desculpas por eventuais indelicadezas cometidas.